

A História do Pensamento Econômico e a Ciência Econômica

Prof. Dr. José Luis Oreiro

Departamento de Economia – UNB

Pesquisador do CNPq.

Pontos em Debate

- Por que estudar a história do pensamento econômico?
- Os dois modelos de ciência: *soft science* e *hard science*.
- Diferenças metodológicas entre a “economia” e a “economia política”.

A Noção de História do Pensamento

- A ciência econômica se organiza como um sistema complexo de regiões de conhecimento (macroeconomia, microeconomia, crescimento econômico, economia industrial, etc) a partir de um núcleo teórico que lhe garante a consistência, a finalidade, o sentido geral e a hierarquia de estruturação.
- O núcleo central é definido como o conjunto de proposições rigorosas que entram direta ou indiretamente na formação de todas as proposições pertinentes as regiões de conhecimento da ciência econômica.
 - A teoria do valor e da distribuição de renda é o núcleo.
- Esse sistema de regiões não é estático, mas evolui ao longo do tempo: novas regiões são incluídas e eventualmente certas regiões podem ser canceladas.
- Eventualmente, o núcleo central da ciência econômica é questionado pelos economistas em razão do acúmulo de “questões não respondidas” pelo mesmo.
 - Nesse momento ocorrem as “mudanças paradigmáticas” na ciência econômica, as quais são denominadas de “Revoluções”.
 - Ao longo da história da ciência econômica podemos identificar ao menos duas mudanças de paradigma: a “Revolução marginalista”, ocorrida por volta de 1870, e a “Revolução Keynesiana”, ocorrida em 1936.

Caráter histórico da ciência

- O objeto da ciência econômica é elástico, tanto na sua abrangência, como na sua estrutura interna.
- A história do pensamento econômico tem por objetivo responder as seguintes questões:
 - Quais os problemas que se colocam para o desenvolvimento da ciência e quais as formas de elucidá-los?
 - Que exigências levaram à inclusão desta ou daquela região em particular?
 - Que desenvolvimento lógico-teórico culminou na invenção deste ou daquele conceito?

“Dinamismo Imperialista”

- As mudanças que ocorrem na abrangência da ciência econômica, aquilo que Tolipan denominava de “dinamismo imperialista” da ciência econômica, são motivadas por dois tipos de impulsos:
 - Vontade de integrar a objeto de estudo da ciência econômica, regiões do conhecimento já dadas, mas ainda mal definidas do ponto de vista científico ou mal integradas ao corpo de outra ciência.
 - Um exemplo recente desse tipo de dinamismo é a “teoria da escolha pública” que integrou ao campo da ciência econômica a análise dos processos de tomada de decisão no meio político.

“Dinamismo Imperialista”

- O segundo elemento que impulsiona o “dinamismo imperialista” da ciência econômica é o “vigor imaginativo” do seu núcleo central.
 - A ciência econômica pode criar novas regiões do saber a partir da problematização do seu objeto, pondo-se novas questões ou re-orientando questões antigas.
- Esse estímulo depende criticamente do grau no qual os cientistas não acreditam em sua ciência como forma de produção de certezas.

Ciência : resultado ou processo?

- Nietzsche: o discurso científico é um ramo da explicação teológica do mundo, um discurso que se exprime como resultado e não como processo.
 - Os cientistas em geral (e os economistas em particular) possuem pouca liberdade crítica com respeito ao que é encarado como dogma teórico de sua própria ciência.
- Nesse contexto, o passado da ciência passa a ser visto apenas como um momento imperfeito do presente. Passa a imperar a idéia de acúmulo de conhecimento e de progresso contínuo na direção do conhecimento presente.
- Segundo essa acepção, a *História do Pensamento Econômico* é um relato de como os erros foram gradativamente sendo superados por um conjunto de intuições geniais, constituindo-se assim a verdade do pensamento científico.
 - Na sua função de “memória dos erros do passado” a HPE será tão mais perfeita quanto mais complexa e exaustiva for a mesma.
 - Dessa forma, a HPE deverá atingir um conteúdo enciclopédico para coroar a sua missão.

HPE e “arqueologia econômica”

- Como deveria ser a HPE num contexto diferente daquele em que ela se resume a um relato dos erros do passado?
 - a HPE deve ser presidida por uma “arqueologia econômica”, a qual consiste em tomar os discursos econômicos fora de sua “série temporal”, ou seja, devemos buscar a unidade temática que constitui a sua série lógica.
 - Em outras palavras, devemos usar a HPE para identificar os diversos núcleos teóricos que compõem o corpo de conhecimento da ciência econômica, de forma a apontar o *pluralismo teórico-metodológico* existente na mesma.

Os dois modelos de ciência

- O aprendizado da teoria econômica tem sido efetuado sob dois modelos distintos:
 - *Hard science*: o estudante deve se familiarizar de imediato com o estágio atual da teoria.
 - *Soft science*: o estudante deve se familiarizar com os clássicos do passado, ainda que em prejuízo dos desdobramentos mais recentes da teoria.
- Os dois modelos espelham concepções distintas sobre a evolução da teoria econômica.
 - Subjacente ao modelo de *hard science* está a idéia da fronteira do conhecimento. O estudante não precisaria perder tempo com os clássicos porque todas as suas eventuais contribuições já foram incorporadas ao estado atual da teoria,
 - Subjacente ao modelo de *soft science* está a idéia de um conhecimento disperso historicamente, de tal forma que o estudante deveria se dedicar aos clássicos porque precisaria trilhar por conta própria as matrizes fundamentais da teoria.

A fronteira do conhecimento

- Essa noção vem das ciências exatas (Física).
 - Neste campo, as contribuições de relevo do passado se acham incorporadas ao estado atual da ciência, o resto consiste em concepções errôneas do passado que podem ser ignoradas sem grande perda do ponto de vista do avanço da ciência.
 - O aprendizado se dá com base em livros-texto.
- Nessa concepção de ciência, a história do pensamento econômico se resume a uma historiografia dos erros e das antecipações dos economistas.
 - Erros quando a doutrina que se presumia verdadeira no passado diverge daquela que integra o estado atual da teoria; antecipações quando prefigura a fronteira.

O Modelo *Hard Science*

- Sendo de escasso interesse do ponto de vista do avanço da ciência, a história do pensamento econômico se torna o tópico por excelência de economistas pouco preparados para a tarefa de fazer avançar a ciência ou daqueles que, já velhos e consagrados, se dedicam na maturidade a tópicos mais amenos.
- Elevada taxa de obsolescência intelectual no modelo *hard science*.
 - A angústia posta pela ameaça constante de obsolescência intelectual que motiva a renúncia ao esforço de perseguir uma fronteira sempre movente em prol de tópicos mais seguros como HPE.

O Modelo *Soft Science*

- Esse modelo desconhece a noção de fronteira do conhecimento.
- Tem como pressupostos que as matrizes básicas da teoria econômica são de reconciliação problemática e são intraduzíveis em seu vigor original.
 - Pressuposto da reconciliação problemática: as matrizes básicas da teoria econômica, por estruturarem visões abrangentes do mundo econômico, dificilmente admitem fusões ou sínteses.
 - Pressuposto da não-tradução: É impossível transcrever as matrizes básicas sem uma perda básica de entendimento. Por exemplo, não haveria melhor forma de entender a matriz marxista do que por intermédio da leitura do *Capital*.
- O aprendizado da teoria econômica passa necessariamente pelo estudo da *História do Pensamento Econômico*.

Críticas ao modelo de *Hard Science*

- A noção de fronteira do conhecimento pressupõe:
 - A idéia de que a fronteira incorpora todas as verdades descobertas pelos pesquisadores do passado.
 - O aprendizado dessa verdade, tal como representado nas versões mais recentes da teoria, prescinde por completo da referência a sua formulação original.
- A diferença fundamental entre os dois modelos de ciência reside no primeiro pressuposto:
 - O modelo *soft science* afirma que as matrizes teóricas da economia são irreconciliáveis e não passíveis de teste empírico conclusivo, os adeptos do modelo *hard science* sustentam que o estado presente da teoria já incorpora o resultado verdadeiro dos embates teóricos realizados no passado.

Resolução das Controvérsias

- A existência ou não de uma fronteira do conhecimento depende do modo de resolução das controvérsias.
- Implícita na noção de fronteira de pensamento está a noção de “superação positiva” das controvérsias.
 - Por superação entende-se que as controvérsias terminam e são percebidas como findas pelos seus participantes.
 - Por “superação positiva” entende-se que a resolução das controvérsias faz emergir a sua verdade e que esta verdade é aceita por todos os participantes da controvérsia, sendo incorporada ao estado atual da ciência.

A resolução das controvérsias

- A “superação positiva” é a exceção, não a regra, na teoria econômica.
 - Existem controvérsias que são resolvidas apenas parcialmente, no sentido que sua resolução não gerou respostas consensuais entre todos os participantes.
 - Existem controvérsias que terminam por cansaço ou desinteresse dos participantes.
 - Algumas vezes a controvérsia termina sem gerar uma verdade inequívoca.
 - Outras controvérsias mudam de sentido quando resolvidas.
 - Por fim, doutrinas opostas convivem por períodos muito longos de tempo.
- Conclusão: a clivagem entre o passado e o presente não se mantêm porque é impossível assegurar que a verdade do passado tenha sido assimilada inteiramente ao presente.

Críticas ao modelo *Soft Science*

- O modelo *soft science* dissolve a teoria na *história do pensamento econômico*
 - Tal dissolução faria sentido se o modo de resolução das controvérsias no passado tivesse sido sempre o da superação negativa, no qual a vertente assimilada de uma controvérsia é a vertente errônea.
 - Nesse caso, a reconstrução da teoria deve ser empreendida pela exegese dos clássicos.

Uma abordagem pragmática

- “O bom desenvolvimento da teoria econômica deve ser feito simultaneamente nas duas frentes, familiarizando-se tanto com o estado atual da ciência econômica quanto com os clássicos, e tecendo a partir dos dois a trama da verdade” (Arida, 2003, p.28).

A Economia e a Economia Política

- As noções de “economia” e “economia política” envolvem duas abordagens teóricas completamente diferentes para lidar com os problemas sociais e econômicos.
- Trata-se de nomes distintos para “núcleos teóricos” diferentes da ciência econômica.
- O que é “Economia”?
 - É a ciência que trata da interação entre os indivíduos a qual se desenvolve nos mercados através da confrontação das condições de oferta e de demanda dos diversos bens e serviços, as quais, por sua vez, são o resultado do comportamento maximizador dos indivíduos na forma de consumidores (maximização de satisfação) quer na forma de firmas (maximização de lucros).
 - Em princípio, os mercados coordenam as decisões dos agentes econômicos de forma que o comportamento individual irá resultar no bem-estar coletivo.

Economia Política

- Definição: é a ciência que trata do processo de produção, o qual forma a base material da sociedade, com o objetivo de analisar as condições nas quais é possível a geração de um excedente sobre o custo de produção, o qual possibilita a construção de uma super-estrutura institucional, composta por instituições políticas, legais e sociais.
 - Nesse contexto, os problemas econômicos são eminentemente problemas sociais.